

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Gabriel Dantas Rameh

**O Ritual de Vestir Fursuits em Convenções *Furry* e sua
Relação com a Imagem Arquetípica Animal**

SÃO PAULO – SP

2024

Gabriel Dantas Rameh

**O Ritual de Vestir Fursuits em Convenções *Furry* e sua Relação com a Imagem
Arquetípica Animal**

Trabalho de Conclusão de curso de Psicologia
da Faculdade de Ciências Humanas e da
Saúde da Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo sob a orientação da Professora Dra.
Flavia Arantes Hime

SÃO PAULO – SP

2024

RESUMO

O arquétipo animal é um importante aspecto da psique humana, representando nossa vida instintual presente no inconsciente. Por conseguinte, é de suma importância que ele não fique deixado de lado na trajetória rumo à individuação. Entretanto, em nossa sociedade racional e cartesiana, observa-se um menor contato com esse arquétipo quando comparado com culturas como as dos povos originários. Nesse sentido, as *fursonas*, personalidades criadas a partir do antropomorfismo de animais por membros da comunidade *furry*, se mostram como um veículo artístico, promovendo uma possibilidade de aproximação com esses instintos. O objetivo deste trabalho é analisar o fenômeno da criação das *fursonas* por indivíduos desta comunidade e a sua expressão no ritual de usar *fursuits* em suas convenções. Além disso, este trabalho busca compreender a possibilidade de estas servirem como veículos de expressão que contribuam para o processo de individuação. Para isso, serão utilizadas entrevistas semidirigidas realizadas com membros da comunidade *furry*, recrutados por meio das redes sociais. A análise dos resultados se deu a partir da teoria da psicologia analítica, tendo como recurso principal a amplificação simbólica. Observou-se, a partir dos resultados, a carga projetiva das *fursonas* e *fursuits*, demonstrando imenso potencial no que diz respeito ao contato com diferentes elementos da psique, tanto em aspectos simbólicos quanto comportamentais.

Palavras-Chave: Jung; *Furry*; Animal; Símbolo; Arquétipo; Antropomorfismo.

SUMÁRIO

1	Introdução	4
2	Objetivos	5
2.1.	Objetivo Geral	5
2.2.	Objetivos Específicos	5
2.3.	Relevância do estudo	5
2.3.1.	Relevância pessoal:	5
2.3.2.	Relevância social:	5
2.3.3.	Relevância acadêmica:	6
3	Método	7
3.1.	Participantes	7
3.1.1.	Critérios de Inclusão:	7
3.1.2.	Critérios de Exclusão:	7
3.2.	Instrumento	7
3.3.	Revisão Bibliográfica	8
3.4.	Procedimento de análise dos resultados	10
3.5.	Considerações éticas	10
3.6.	Riscos	10
3.7.	Benefícios	10
3.8.	Autonomia	11
3.9.	Beneficência	11
3.10.	Não-maleficência	11
3.11.	Justiça	11
3.12.	Privacidade e Confidencialidade	11
4	Revisão de Literatura	13
4.1.	Teoria da Psicologia Analítica utilizada na pesquisa	13
4.2.	O Arquétipo Animal e sua presença na História Humana	16
4.3.	Contextualização da Comunidade Furry	19
5	Resultados e Discussão	22
6	Considerações Finais	30
	Referências	32
	Anexos	35

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a compreender as relações entre o arquétipo animal e o antropomorfismo e zoomorfismo presentes nas *fursonas*, fenômeno da cultura *furry*, a partir de uma análise da Psicologia Analítica e do ritual de usar *fursuits* em convenções da comunidade. A escolha deste tema foi motivada por um interesse na simbologia animal e por curiosidade sobre o antropomorfismo de animais e sua presença em diversas mitologias de diferentes culturas do mundo inteiro, o que pode atestar seu caráter arquetípico. Além disso, o fenômeno da criação das *fursonas* é fascinante, de forma que buscou-se tentar responder algumas questões sobre essa construção a partir dessa pesquisa. *Fursonas* são personalidades criadas a partir do antropomorfismo de animais por membros da comunidade *furry*. Esse tema é relevante à medida que nenhuma pesquisa em psicologia foi encontrada sobre ele. Além disso, psicólogos podem se apropriar desta pesquisa para compreender mais sobre a comunidade *furry*, auxiliando o atendimento a um membro da comunidade. Assim, a pesquisa tem uma relevância pessoal, acadêmica e social, à medida que pode gerar informações acerca da diversidade de possibilidades de expressão de si, muitos dos sujeitos sendo rotulados a partir de estereótipos, o que pode dificultar sua integração no caso de não serem revistos e compreendidos.

Ao considerar os resultados de uma pesquisa de campo para verificar o objetivo do trabalho através de questionário com perguntas focadas no tema, pretende-se discutir os dados obtidos a partir de um referencial da psicologia analítica. Dessa forma, irei analisar o fenômeno da criação das *fursonas* da comunidade *furry* e a possibilidade de estas servirem como veículos expressivos para a integração da imagem arquetípica animal, a partir de uma investigação do ritual de vestir *fursuits* em convenções desta comunidade. Ademais, pretende-se analisar o simbolismo dos animais no processo de criação de *fursonas* e compreender as diferenças observadas nos animais na forma criativa de cada indivíduo através da amplificação simbólica da imagem arquetípica.

2 OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é compreender se a criação e o ritual de vestir *fursuits* em convenções pode contribuir para o processo de individuação de participantes da comunidade *furry*.

2.2. Objetivos Específicos

- Compreender o que leva à escolha de determinada *fursona*;
- Investigar se pode-se considerar o vestir a *fursuit* como um ritual;
- Analisar os simbolismos dos animais e como se revelam através das *fursonas*;
- Compreender se e como o processo de escolher a *fursona*, vestir a *fursuit* e atuar nas convenções *furry* pode favorecer a trajetória rumo à individuação.

2.3. Relevância do estudo

2.3.1. Relevância pessoal:

Compreender a experiência dos indivíduos da comunidade *furry* à luz da Psicologia Analítica se mostra relevante não apenas pelo interesse pessoal do pesquisador por esse fenômeno, mas também pelo o tema não ter sido abordado na Graduação. Além disso, este estudo irá ampliar o conhecimento do pesquisador acerca da simbologia dos animais. Por fim, será possível ao pesquisador começar a instrumentar-se para atender pessoas pertencentes à comunidade

2.3.2. Relevância social:

A diversidade de possibilidades de expressão dos indivíduos pode acarretar preconceitos e estereótipos pelo fato de se desviarem das formas mais comuns, conhecidas e frequentes. Este estudo poderá contribuir para a compreensão do sentido atribuído pelos criadores dessa forma de arte, gerando informações que, analisadas por meio da Psicologia Analítica, levem à revisão de ideias

pré-concebidas e, portanto, a uma maior aceitação dos participantes desta forma de arte.

2.3.3. *Relevância acadêmica:*

Não foram encontrados estudos acadêmicos no âmbito da Psicologia referentes ao tema das *fursonas*. Portanto, justifica-se a necessidade de dar voz a participantes da comunidade *furry* a fim de compreender-se melhor os significados atribuídos a essas vivências nas convenções realizadas. As informações obtidas e analisadas à luz da Psicologia Analítica poderão fornecer dados no sentido de gerar questionamentos acerca das possibilidades do exercício dessa forma de arte como uma das vias para o crescimento pessoal e social.

3 MÉTODO

O objetivo deste estudo é compreender se a criação e o ritual de vestir *fursuits* em convenções pode contribuir para o processo de individuação de participantes da comunidade *furry*. Além disso, esta pesquisa tem como interesse compreender o que leva à escolha de determinada *fursona*, investigar se pode-se considerar o vestir a *fursuit* como um ritual, analisar os simbolismos dos animais e como se revelam através das *fursonas* e, por fim, compreender se e como o processo de escolher a *fursona*, vestir a *fursuit* e atuar nas convenções *furry* pode favorecer a trajetória rumo à individuação.

3.1. Participantes

O participante é um homem cis de 20 anos. Está cursando faculdade de engenharia.

3.1.1. Critérios de Inclusão:

Pessoas acima de 18 anos de idade, independentemente de gênero, pertencentes à comunidade *furry* e que já tenham participado de uma convenção da comunidade *furry* usando uma *fursuit*.

3.1.2. Critérios de Exclusão:

Pessoas abaixo de 18 anos de idade, não pertencentes à comunidade *furry* e que nunca tenham participado de uma convenção da comunidade *furry* usando uma *fursuit*.

3.2. Instrumento

Foram utilizadas entrevistas semi-dirigidas como instrumento de coleta de dados. Nessa abordagem, é fundamental considerar o pesquisador como parte integrante do processo de coleta e análise dos dados: ele deve estar envolvido, mas também manter um certo distanciamento, permitindo-lhe refletir sobre o que foi ouvido posteriormente. O pesquisador é um coparticipante da realidade observada e tem responsabilidade pelo material coletado.

A opção pela técnica da entrevista é justificada pela afirmação de Duarte (2004, p. 215): “Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados”.

A entrevista semiestruturada se concentra em um tema específico, para o qual é elaborado um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras que surgem conforme as circunstâncias da entrevista. Além de coletar informações básicas, o roteiro serve como um guia organizacional para o pesquisador durante a interação com o entrevistado (MAZZINI, 2003).

3.3. Revisão Bibliográfica

Pela Psicologia Analítica, as principais referências foram os livros de Eloisa Penna, (2013 e 2014), que indicam o desenvolvimento de um método de pesquisa na área, além de referenciar o criador da psicologia analítica, Carl Gustav Jung, e suas obras. Já em relação à comunidade *furry*, *furonas* e *fursuits*, teve-se como base o documentário “The Fandom: A Fandom Documentary”, projeto criado e desenvolvido por membros da comunidade nos Estados Unidos que visa retratar a comunidade, desde uma revisão histórica até a compreensão do que significa ser um membro, ou denominar-se *furry*.

O método adotado para esta pesquisa foi o da pesquisa qualitativa, especificamente em psicologia analítica. Na pesquisa qualitativa, o foco reside em um estudo descritivo que busca entender os significados atribuídos pelos participantes.

Denzin e Lincoln (1994, 2006) explicitam como os pesquisadores interpretam os fenômenos observados de acordo com os significados a eles atribuídos. Enquanto na pesquisa quantitativa, os pesquisadores buscam comparar dados estatísticos para estabelecer padrões e fornecer uma base para interpretação, na pesquisa qualitativa, como é o caso desta, a interpretação é mais flexível, levando em conta a interação entre o pesquisador e o objeto de estudo. A pesquisa qualitativa não se propõe a fazer generalizações, mas sim compreender o fenômeno em profundidade.

Assim, o desenho da pesquisa qualitativa é moldado pela dinâmica dessa interação, adaptando-se às necessidades específicas do estudo para explorar além dos dados objetivos. A qualidade da informação obtida é avaliada com base nas relações estabelecidas pelos participantes em relação ao tema em questão. Na pesquisa qualitativa, a precisão da informação reunida deriva das interações que os participantes estabelecem em relação à sua compreensão do tema investigado.

Sendo a pesquisa um estudo científico na área da psicologia, buscou-se compreender a noção de que "do ponto de vista epistemológico, o fato de a psique ser tanto sujeito quanto objeto de conhecimento [...] é o ponto crucial desta ciência" (Penna, 2014, p.). Diante dessa constatação, justifica-se a escolha pelo método qualitativo, pois o conhecimento é limitado tanto pela subjetividade do sujeito conhecedor quanto pela objetividade do "outro" (interno ou externo) a ser conhecido, tornando impraticável a noção de imparcialidade almejada pelo método quantitativo.

Mais especificamente, em relação à metodologia adotada e desenvolvida na psicologia analítica, podemos considerar que, segundo Penna (2014):

No paradigma junguiano, em que se destaca a articulação totalidade/diversidade, segundo Papadopoulos (2002), o outro está contido no todo do qual faz parte o eu, e nesse sentido lhe é desconhecido. A noção de inconsciente, embora não coincida exatamente com o desconhecido, o inclui. Do ponto de vista egóico, o mundo externo e o inconsciente são experimentados pelo ego como "o outro", e isso acarreta diversos tipos de conexões entre o eu e o outro, as quais podem ser entendidas em termos de diferença e similaridade ou união e separação, ou ainda, oposição e complementaridade (PENNA, 2014, p.83).

No que diz respeito à compreensão dessas informações, Penna (2014) define como o método junguiano examinará a dinâmica entre pesquisador e pesquisado a partir de sua perspectiva metodológica:

O processo de pesquisa, na etapa de apreensão do fenômeno, compreende dois sistemas em constante e intensa interação: o sistema pesquisador com seus aspectos conscientes e inconscientes, e o sistema pesquisado – fenômeno psíquico a ser conhecido – símbolo – com seus aspectos conhecidos e desconhecidos, manifestos e subjacente. Ambos, pesquisador e pesquisado fazem parte e compartilham a dimensão coletiva consciente e inconsciente (PENNA, 2014, p.94).

3.4. Procedimento de análise dos resultados

As informações obtidas por meio da entrevista foram analisadas à luz do material produzido a partir da revisão literária, a qual consta nos capítulos teóricos.

Foram realizadas várias leituras e sínteses das narrativas para se obter um relato condensado que contenha as informações mais significativas. Foram identificados temas relacionados aos tópicos em investigação. Conforme afirma Bardin (1991, p. 105), "o tema é uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto" ou "um feixe de relações (que) pode ser graficamente apresentado através de uma palavra, uma frase, um resumo" (MINAYO, 1998, p. 208).

3.5. Considerações éticas

Este projeto foi submetido à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética em Pesquisa Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e aprovado sob o número 78580324.2.0000.5482. Os procedimentos realizados nesta pesquisa obedecerão aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

3.6. Riscos

Toda pesquisa com seres humanos implica em riscos potenciais. Portanto serão tomados todos os cuidados no sentido de minimizá-los, como descrito a seguir.

3.7. Benefícios

Os participantes da pesquisa são membros da comunidade *furry*, que poderão compreender mais sobre o que significa ser parte desse grupo. Além disso, ter um ouvinte atento e continente poderá ajudá-los a ter maior consciência de si e das suas escolhas, ainda que não se trate de uma população clínica.

3.8. Autonomia

O critério da autonomia se refere ao direito dos sujeitos de pesquisa à sua autodeterminação. Tal direito procura ser garantido nas pesquisas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como pela proteção a grupos vulneráveis e a pessoas legalmente incapazes.

3.9. Beneficência

Por este critério se entende que a pesquisa esteja comprometida com o bem de seus sujeitos individuais ou coletivos, reais e potenciais; busque, em vista disto, prever danos e riscos; garanta a participação dos sujeitos nos resultados benéficos da pesquisa.

Haverá atenção e cuidado com a carga emocional que poderá ser mobilizada nos encontros. Colocar-nos-emos à disposição para outros contatos que possam ser necessários para a elaboração das vivências relatadas, de forma a garantir a beneficência.

3.10. Não-maleficência

Afirma o compromisso de não causar danos, desde físicos e psíquicos aos morais e éticos. Supõe a explicitação de medidas de prevenção diante dos riscos e de reparação diante de danos possíveis.

3.11. Justiça

Entende-se pela justiça, que a pesquisa tenha relevância social e uma destinação humanitária, voltada para a proteção e cuidado das pessoas e do ambiente assegura a distribuição eqüitativa dos custos e dos benefícios entre os sujeitos da pesquisa, sendo particularmente protegidos os sujeitos vulneráveis.

3.12. Privacidade e Confidencialidade

Implícitas no critério da autonomia, a privacidade e confidencialidade são direitos dos sujeitos no que diz respeito aos dados da pesquisa que envolve sua intimidade, vida privada, imagem e todas as informações obtidas pela pesquisa, que

os sujeitos quiserem ver preservadas. A privacidade e confidencialidade de tais dados estarão explicitadas no TCLE, bem estará assegurado seu uso apenas dentro dos declarados objetivos da pesquisa.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1. Teoria da Psicologia Analítica utilizada na pesquisa

A Teoria de Carl Gustav Jung é uma dentre diversas abordagens psicológicas que buscam explorar e explicar o comportamento e a psique humanas. Jung constituiu, na Psicologia Analítica, uma rede intrincada e complexa de conceitos e interpretações que constituem uma visão específica de mundo e de humanidade. Assim, o estudo e o embasamento teórico adequados são indispensáveis à construção do pensamento analítico e de uma prática clínica estruturada e coerente. A seguir, serão apresentados sinteticamente alguns dos conceitos junguianos que poderão embasar nossas reflexões acerca do fenômeno pesquisado.

Para compreender a teoria Junguiana, é indispensável passar pelo conceito de individuação, que será explorado neste capítulo. Esse conceito pode, de algum modo, sumarizar a teoria Junguiana, uma vez que apresenta o processo de desenvolvimento de cada sujeito e traz uma integração de várias de suas concepções. A individuação é um processo intrínseco ao desenvolvimento humano, que busca a integração dos aspectos conscientes e inconscientes da psique individual. Em outras palavras, trata-se do caminho de autodescoberta e crescimento pessoal, no qual o indivíduo busca tornar-se consciente de si mesmo, alcançando um estado de totalidade e equilíbrio psíquico (VERGUEIRO, 2008).

Nesse processo, Jung destaca a importância dos arquétipos, que se manifestam através de símbolos e imagens nos sonhos, na arte, na mitologia e na religião, desempenhando um papel crucial na jornada de autoconhecimento do indivíduo. Os arquétipos são padrões universais e simbólicos presentes no inconsciente coletivo da humanidade. Eles são representações primordiais e atemporais de temas e experiências fundamentais, como nascimento, morte, amor, herói, mãe e pai; são inatos e compartilhados por todas as culturas, influenciando profundamente o pensamento, o comportamento e as expressões artísticas e religiosas ao longo da história (JUNG, 2008).

O inconsciente coletivo é marcado por uma camada de representações e símbolos universais à humanidade. Na teoria junguiana, o consciente (a parte da mente acessível à percepção e à reflexão direta do indivíduo, onde ocorrem os processos cognitivos conscientes), o inconsciente individual (repleto de conteúdos

psíquicos exclusivos de cada indivíduo, como memórias pessoais, traumas, desejos e complexos individuais, moldado pelas experiências únicas de vida de uma pessoa e suas interações com o ambiente) e o inconsciente coletivo interagem dinamicamente para influenciar o funcionamento psicológico e o desenvolvimento pessoal (SERBENA, 2010).

A individuação se dá, entretanto, muito pelo contato do indivíduo com o inconsciente coletivo, e com os arquétipos atuantes em sua vida. A representação dos arquétipos no mundo material ocorre por meio de símbolos, que trazem significados que transcendem sua literalidade. Eles podem estar presentes em sonhos, mitos, rituais, obras de arte, e até na própria natureza. Por serem representativos de padrões universais arquetípicos, eles podem possuir uma carga emocional e intuitiva que afeta profundamente sobre as pessoas e suas psiques. Um dos tipos mais importantes de símbolo são as imagens arquetípicas. Elas são manifestações particulares dos arquétipos na psique humana, e são veículos poderosos de transformação e autodescoberta, fornecendo insights sobre questões inconscientes e orientando o processo de individuação (SERBENA, 2010).

Ao explorar e integrar essas manifestações profundas da psique – os arquétipos, símbolos e imagens arquetípicas –, o sujeito pode alcançar uma maior harmonia interior, compreensão de si mesmo e conexão com o mundo ao seu redor. Assim, os arquétipos, símbolos e imagens arquetípicas desempenham um papel fundamental no processo de individuação, facilitando a busca por significado, transcendência e totalidade na vida humana (SERBENA, 2010).

Apesar de os arquétipos serem essenciais ao processo de individuação, somente reconhecê-los não é suficiente. Jung enfatiza a necessidade de um sujeito confrontar e transcender os aspectos sombrios da psique, representados pela sombra. A sombra é uma das principais características do inconsciente individual, consistindo nos aspectos reprimidos, negados ou não reconhecidos da personalidade. São aquelas partes das pessoas que cada um prefere não confrontar ou aceitar conscientemente. A sombra pode conter tanto qualidades negativas quanto positivas, e sua integração é essencial para o processo de individuação. Ao reconhecê-la e aceitá-la, o sujeito pode alcançar um maior equilíbrio e uma compreensão mais profunda de si (BYINGTON, 2019).

Na individuação, pois, uma pessoa, aos poucos, se torna mais consciente de si, e desconstrói (ou adequa) a sua persona, que é uma máscara social que o sujeito

utiliza para representar a imagem e personalidade que ele busca apresentar ao mundo, conforme expectativas sociais, culturais e/ou profissionais. Apesar de a persona poder ser condizente com o Self, ela pode (e é frequentemente) influenciada pelo mundo externo e por um desejo de aceitação. Ela é essencial à adaptação social, mas deve ser o mais próximo possível ao self, para evitar a alienação da autenticidade do sujeito (BARRETO, 2009).

É importante pontuar que, conforme Barreto (2009, p. 101) “a individuação, eixo-mestre da *praxis* junguiana, pressupõe a *disponibilidade para o autossacrifício* – o sacrifício do Eu em face das exigências do Si mesmo, o que implica também *disponibilidade para suportar o sofrimento*”. Para a individuação, é necessário que um sujeito entre em contato com aquilo que despreza em si, o que o envergonha, o enoja. Além de reconhecer essas partes de sombra, a pessoa precisa, também, aceitá-las como partes constituintes, dignas de respeito. É um processo que, apesar de satisfatório e profundamente gratificante quando desenvolvido, exige muito sofrimento e, às vezes, prejuízos sociais, como pode ocorrer na desconstrução da persona. É natural que, em algumas ocasiões, a pessoa prefira, inconscientemente, ao invés de se apropriar da sua sombra, projetá-la em outros.

A projeção é um fenômeno psicológico pelo qual aspectos não reconhecidos ou reprimidos da psique são atribuídos a outras pessoas, objetos ou situações externas. Esse processo ocorre quando o indivíduo não consegue lidar conscientemente com certos conteúdos internos, que são incompatíveis com a sua persona, como características pessoais, desejos, emoções ou traços considerados negativos, e, portanto, os atribui a outras pessoas ou circunstâncias. Ela ocorre principalmente quando há uma falha na integração dos conteúdos do inconsciente com a consciência. Ao projetar aspectos não aceitos de si mesmo, o indivíduo evita o confronto direto, preservando uma imagem positiva de si mesmo. Apesar disso, a projeção também pode ser uma oportunidade de reflexão e aprendizado: ao reconhecê-la, o sujeito pode ter *insights* sobre seu mundo interno, descobrindo aspectos reprimidos ou negligenciados de si mesmo, retomando o processo de individuação (JUNG, 2008).

Outro aspecto crucial da individuação é a relação com o self, que Jung conceitua como o centro unificador da psique, representando o verdadeiro eu ou a totalidade do indivíduo. O self é o objetivo final da individuação, e a tomada de consciência acerca dele implica em uma conexão profunda com o propósito de vida

e com um senso de significado existencial. Quando o self está integrado e ativo na vida de uma pessoa, ela experimenta uma sensação de plenitude e realização (BYINGTON, 2019).

Em síntese, a individuação é um processo contínuo e multifacetado de autoconhecimento, que visa à realização do potencial humano máximo. Ao integrar os diversos aspectos da psique, confrontar os desafios internos e estabelecer uma conexão significativa com o self, o indivíduo alcança um estado de harmonia interior e desenvolvimento pessoal, contribuindo para o desenvolvimento de uma vida mais autêntica e satisfatória. Ainda que haja sofrimentos nesse processo, a individuação é um processo que gera grande gratificação, uma vez que a pessoa pode viver sua vida de forma mais coerente com o seu self, com seus objetivos, desejos e ambições.

4.2. O Arquétipo Animal e sua presença na História Humana

Neste capítulo, será trabalhada uma revisão histórica da presença e importância do simbolismo e antropomorfismo animal na humanidade. Levando em consideração a teoria junguiana apresentada sinteticamente no capítulo anterior, esta pesquisa traz como central o arquétipo animal. No livro “Dicionário de Símbolos” de Chevalier e Gheerbrant (2020, p.103), a simbologia animal é descrita da seguinte maneira: “O animal, em sua qualidade de arquétipo, representa as camadas profundas do inconsciente e do instinto. Os animais são os símbolos dos princípios e das forças cósmicas, materiais ou espirituais”. Jaffé (2017) descreve as diferentes facetas do arquétipo animal. Esse arquétipo representa mais do que apenas o instinto. Por estar nas camadas profundas do inconsciente, simboliza também aquilo que é divino, sagrado. Como coloca Jaffé (2017, p.319) “Nas religiões e na arte religiosa de quase todas as raças, os atributos animais associam-se aos deuses supremos, ou esses deuses são representados como animais”.

Ao considerar a história da presença simbólica de animais nas sociedades humanas, os primeiros exemplos são os do totemismo e do xamanismo. Antes mesmo, pinturas em cavernas podem ser encontradas representando figuras semi-humanas disfarçadas de animais (JAFFÉ, 2017). Ao se tratar do totemismo, o

dicionário de Cambridge o define como “crença na existência de parentesco ou de afinidade mística entre um grupo humano (ou pessoa) e um totem”. Freud (1913/2012), traz em sua obra as sociedades totêmicas, nas quais o totem era majoritariamente representado por animais: esses, por sua vez, eram compreendidos como os antepassados dessas sociedades. O xamanismo se define como uma prática espiritual e cultural ancestral, enraizada em várias sociedades ao redor do mundo. No xamanismo, a figura do xamã é centrada em um praticante dotado de habilidades especiais de cura e orientação espiritual. Associado ao xamanismo está a presença de animais de poder, figuras simbólicas que representam qualidades específicas, energias ou habilidades. Na prática xamânica, acredita-se que cada pessoa tenha um ou mais animais de poder que servem como guias espirituais, oferecendo proteção, orientação e ensinamentos. Esses animais podem aparecer em visões, sonhos ou meditações, e cada animal de poder possui características únicas que refletem aspectos da personalidade ou do caminho espiritual do indivíduo (HARNER, 2023).

Um dos maiores exemplos do antropomorfismo animal na história humana pode ser encontrado na mitologia do Egito Antigo. Anúbis, ou Anpu (“deair” em egípcio) é a divindade da mumificação e responsável por conduzir as almas à vida após a morte. Ele é retratado como um homem com cabeça de chacal (GARCIA, 2022). Na simbologia, o chacal é um animal de mau augúrio, visto que “uiva até morrer, ronda pelos cemitérios e se alimenta de cadáveres” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020). Além de Anúbis, diversos outros deuses egípcios tinham como forma um corpo humano com cabeça animal.

Na mitologia grega, pode-se observar também a presença de animais como figuras simbólicas. Zeus, a divindade suprema, tinha o poder de lançar raios e era representado por uma águia, além de outros animais. Ao seduzir Sêmele, Zeus se transforma em uma águia (WILKINSON, 2018). A águia é considerada na simbologia a rainha das aves e geralmente acompanha a mais alta divindade. Também é o símbolo da paternidade (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020). Além da águia, Zeus se transforma em múltiplos animais nos mitos da Grécia Antiga.

Para além das mitologias e religiões, a presença de animais como representações simbólicas está também no cotidiano, mais especificamente, nos contos de fada e nas artes. Como aponta Helen Bachmann (2021, p.7) em seu livro “O animal como símbolo nos sonhos, mitos e contos de fadas”,

Desde a infância os animais fascinam as pessoas, quando apontam no primeiro livrinho cartonado para o au-au ou a vaca um, suas vozes são imitadas e sua forma é memorizada

“A Cigarra e a Formiga”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O patinho feio”, “A lebre e a tartaruga”: estes são apenas alguns dos vários contos de fadas e fábulas que utilizam de animais para simbolizar aspectos da experiência humana (ASSONE, 2023). Não apenas nos contos de fadas, mas também na indústria do entretenimento pode-se encontrar simbolismos e o antropomorfismo animal. Personagens como, “Procurando Nemo” (2003), “Rei Leão” (1994), “Kung Fu Panda” (2011), “O Fantástico Sr. Raposo” (2009) e muitos outros fazem parte da infância e juventude de muitos indivíduos. Filmes como “Zootopia: Essa cidade é o Bicho” (2016) e animes como “Beastars - O Lobo Bom” (2019) utilizam do antropomorfismo animal para imaginar e representar sociedades humanas formadas apenas por animais antropomorfos. (FilmesTipo.com, sem data)

Em suma, esses personagens, histórias, mitos e contos de fada dizem algo sobre a conexão entre seres humanos e animais. Nesse sentido, este capítulo buscou explorar e compreender a importância que o arquétipo animal apresenta durante toda a história humana, em diversas sociedades, em diferentes períodos históricos. Através dessas narrativas e representações, é evidente que os animais desempenham um papel significativo no imaginário humano, transcendendo fronteiras culturais e temporais. Desde os primórdios da humanidade, eles têm sido símbolos de poder, sabedoria, mistério e conexão espiritual. Seja nas antigas práticas xamânicas, nas mitologias antigas ou nos contos contemporâneos, os animais têm sido fonte de inspiração e reflexão sobre a natureza humana e sua relação com o mundo natural. Essa interconexão entre seres humanos e animais continua a ecoar na sociedade moderna, especialmente na cultura popular e na arte. A presença persistente do simbolismo e do antropomorfismo animal nos meios de entretenimento contemporâneos reflete a perene fascinação e reverência por esses seres. Eles ajudam as pessoas a entenderem melhor a si mesmas, às suas aspirações e desafios. Portanto, este capítulo procurou não apenas analisar a história e a evolução desses símbolos ao longo do tempo, mas também reconhecer sua relevância contínua na compreensão da psique humana e na construção de significados em diversas culturas. Através do estudo do arquétipo animal, é possível

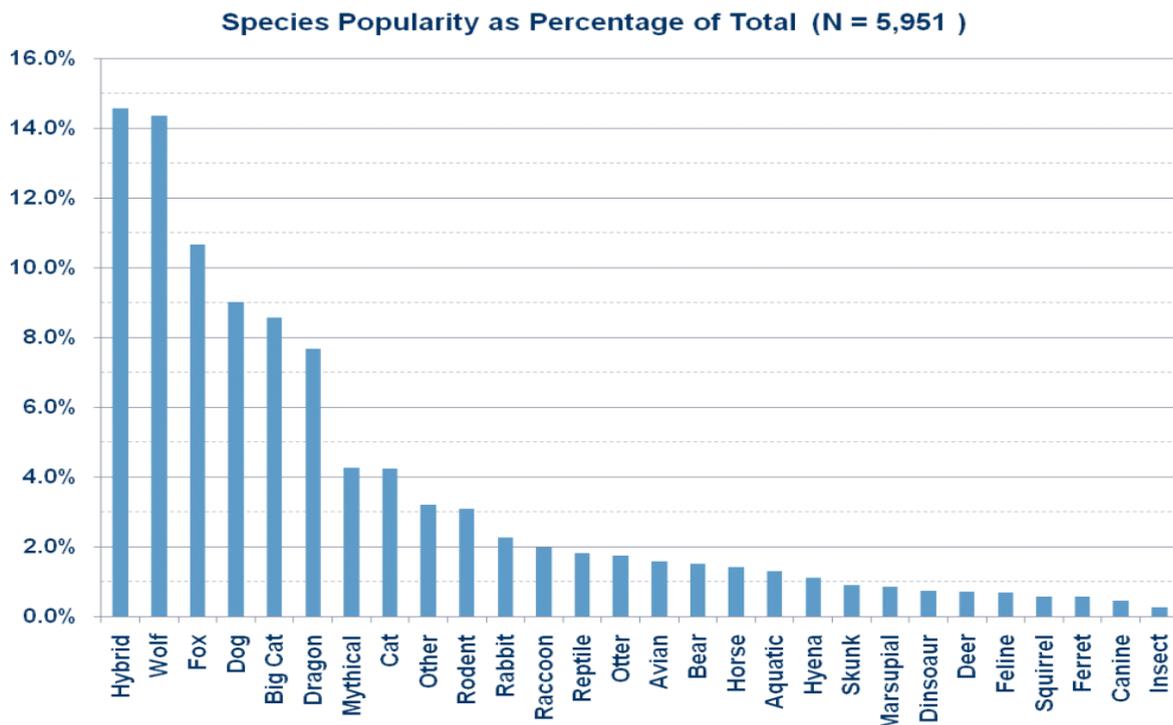
desvendar aspectos mais profundos da condição humana e da nossa ligação intrínseca com o mundo natural.

4.3. Contextualização da Comunidade *Furry*

Este capítulo irá contextualizar e compreender melhor a comunidade *furry*, fenômeno que essa pesquisa pretende estudar. Como apresentado no documentário “The Fandom: A *Furry* Documentary” (2020), a história da comunidade pode traçar seu início no ano de 1980, quando Mark Merlino e Rod O’ Riley se encontram na LosCon, convenção de ficção científica na Califórnia. Eles começam a conversar devido a seu interesse mútuo em personagens de animais antropomórficos, dando origem a uma amizade que iria alavancar a criação de uma inteira subcultura (The Fandom: *Furry* Documentary, 2020).

O dicionário de Cambridge (2024) explica *furry* como alguém que gosta de vestir-se de animais. Mas é muito mais do que isso. Como explica NONSTOPPUP, membro da comunidade *furry*, no documentário “The Fandom: A *Furry* Documentary” (2020), a comunidade *furry* “é um espaço social” que “gravita ao redor de utilizar arte como um veículo para explorar identidade”. Por mais que o significado do que é ser *furry* difira de pessoa para pessoa, para alguém ser considerado *furry* basta ter interesse em animais antropomórficos, seja criando arte como desenhos ou *fursuits*, ou apreciando e consumindo essa arte.

Figura 1. Popularidade das Espécies Animais



Fonte: Furscience, sem data.

Dentro da comunidade, existe o fenômeno conhecido como *fursona*. Ele se resume à criação de uma identidade, uma persona, a partir de animais antropomórficos. Essa criação vai de desenhos até montar uma roupa que represente essa *fursona*, chamada *fursuit*. A *fursona* pode ser considerada como uma persona, um alter-ego de seu criador, e pode ser de qualquer animal, desde um cachorro até um animal mitológico como um dragão. Os mais comuns são canídeos, como lobo, raposa e cachorro, felinos, como gato, leão e tigre, e animais míticos, como dragões e unicórnios, como mostra o gráfico acima. Além disso, é comum também a criação de *fursonas* híbridas, que misturam diferentes animais. (BRASIL FURFEST, sem data).

Geralmente o uso das *fursuits* é feito nas convenções da comunidade, porém existem também fóruns em redes sociais por onde se comunicam no formato online. No Brasil, a maior convenção é a Brasil FurFest, “uma festa particular beneficente sem fins lucrativos em formato de convenção num fim de semana com temática *furry*, realizada pela Associação dos Artistas e Apreciadores das Artes Antropomórficas” que acontece no Sheraton Santos Hotel, em Santos todo Julho. Além dela, diversos encontros e convenções acontecem ao longo do ano. Nas

convenções, as atividades comuns são *workshops*, palestras, desfile de *fursuits*, entre outros. Na edição da Brasil FurFest de 2024, por exemplo, as programações incluem “Espaço para desenhista (...) Bazar Furry (...) Competição de Dança (...) Leilão de Caridade (...) Sala de Jogos e Vídeo Game (...) e Karaoke”. (BRASIL FURFEST, sem data)

Em suma, ao longo deste capítulo, foi explorada a origem e a essência da comunidade *furry*, destacando sua evolução desde os encontros iniciais entre entusiastas até o estabelecimento de convenções e eventos dedicados. Através da definição de termos como "*fursona*" e "*fursuit*", mergulhamos na complexidade da identidade dentro dessa subcultura, onde a criação de personas antropomórficas desempenha um papel central. Além disso, ressalta-se a importância da arte como meio de expressão e exploração da identidade dentro deste espaço social. Compreender a comunidade *furry* vai além da simples definição de um hobby ou interesse; é reconhecer a diversidade de expressão e a profundidade das relações sociais que surgem em torno dessa paixão compartilhada por personagens animais antropomórficos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente a pesquisa visou retomar alguns aspectos teóricos necessários para a compreensão do tema a ser estudado. A princípio, foi feita uma recapitulação da teoria de Carl Gustav Jung, com foco nos conceitos que seriam utilizados para a compreensão dos resultados obtidos. Foi, então, feita uma revisão da presença do arquétipo animal e sua importância nas diferentes épocas da história humana e em diversas sociedades. Por fim, este trabalho buscou apresentar a comunidade *furry* a fim de compreender melhor esse fenômeno. Em seguida, tendo em vista os objetivos propostos, e utilizando-se do método de pesquisa qualitativa em Psicologia Analítica, foi aplicada uma entrevista semidirigida com um membro da comunidade *furry*. A partir dos resultados obtidos pela entrevista, este capítulo apresentará uma análise significativa, a fim de responder às dúvidas e questionamentos que levaram essa pesquisa a ser feita.

Primeiro, alguns dados sobre o sujeito da pesquisa: F.C. é um homem cis, com 20 anos de idade e está fazendo faculdade de engenharia. É desenvolvedor de um *chatbot*¹ e trabalha com *staff* de um evento da comunidade *furry*, chamado Patas. Além disso, é colaborador da Brasil FurFest, evento já mencionado. Considera-se *furry* desde os 15 anos, quando entrou na comunidade e começou a ter contato com outros membros. Ao ser questionado sobre o que o atraiu na cultura *furry*, disse sempre ter gostado do aspecto de cosplay do *fandom*², “acho que os *fursuiters*³ são algo muito legal”. Além disso, considera a comunidade um “grupo muito diverso e muito diferente, muito unido”. Para ele, ser *furry* é participar das atividades da comunidade, seria a interação com as pessoas e estar lá, participar dos eventos, conversar nos chats, entrar no VRChat com o pessoal, esse tipo de coisa”.

Criou sua primeira *fursona* em 2019, logo após entrar na comunidade e no ano passado adotou uma *fursona* de um amigo que estava vendendo. Quando questionado sobre o motivo de criar a *fursona*, respondeu que “no *fandom*, uma *fursona* é uma identidade sua, é algo que você consegue projetar e criar o seu

¹ *Chatbot*: programa de computador que simula e processa conversas humanas (escritas ou faladas), permitindo que as pessoas interajam com dispositivos digitais como se estivessem se comunicando com uma pessoa real.

² *Fandom*: é o diminutivo da expressão em inglês *fan kingdom*, que significa “reino dos fãs”, na tradução literal para o português. Um *fandom* é um grupo de pessoas que são fãs de determinada coisa em comum, como um seriado de televisão, um músico, artista, filme, livro etc.

³ *Fursuiter* seria o termo utilizado para denominar as pessoas que usam *fursuits*.

personagem (...), se portar da forma como você quer (...), você consegue não só comissionar a arte, fazer os vídeos e tal, mas você consegue ter uma imagem que é só sua”.

Sua primeira *fursona* chama-se Mekhy e é sua *fursona* principal, que ele mesmo criou, e é um híbrido de lobo e de guaxinim. Originalmente era apenas um lobo, mas depois ele resolveu transformá-lo em um híbrido. Então, o Mekhy, como descreve F, é “um lobo guaxinim com tonalidade principalmente roxa e vermelha, que eu escolhi porque são as minhas cores favoritas, mas eu quis contrastar com o preto (...) Ele tem um símbolo, que são três engrenagens no peito, que justamente simbolizam algo que é muito importante pra mim, que é o meu histórico de competição de robótica, experiência com mecatrônica...”. Além disso, ele sempre tem o seu jaleco. O nome surgiu do seu interesse em mecatrônica e robótica e F sempre quis uma *fursona* que representasse isso. Então ele acabou escolhendo o nome Mekhy porque é curto, que ele considera fofo e remete aos seus interesses.

Figura 2. Fursona criada por F.



Fonte: Imagem fornecida por F.

A escolha dos animais se deu porque F sempre gostou bastante de lobos, “eu gosto de caninos, eu vejo os caninos fofos” e, sobre o guaxinim, “o guaxinim é algo que meus amigos apontaram muito como uma coisa que bate com a minha personalidade (...) tipo “você é muito curioso, você é até um pouquinho caótico””.

O lobo é um dos animais mais presentes na história humana, tanto fisicamente quanto simbolicamente. No livro “Os animais e a psique” (Ramos *et al.*, 2005, p. 145), as autoras explicitam como as diversas subespécies podem ser encontradas ao redor do globo; “Europa, Ásia e América do Norte, e no Brasil, Argentina e Uruguai”. Sua quase onipresença mundial, além de sua eventual domesticação para o cachorro, podem explicar um pouco de sua popularidade. Chevalier e Gheerbrant (2020) revelam que o lobo representa selvageria, e a loba, libertinagem. A visão noturna torna o lobo símbolo de luz, herói guerreiro, ancestral mítico, significação comum entre mitologias nórdica e grega. “O criador das dinastias chinesa e mongol é o lobo azul celeste” (RAMOS *et al.*, p. 624) Na mitologia chinesa, a estrela Sirius representa o lobo celeste, guardião do Palácio celeste. O lobo tem também um aspecto ctônico e infernal, que traz sua face negativa. O famoso conto “Chapeuzinho Vermelho” tem como antagonista o Lobo Mau. O deus da morte dos etruscos, Calu, possui orelhas de lobo e é em capa de pele de lobo que se reveste Hades, o senhor dos Infernos grego. Desde a Antiguidade na Europa vê-se a crença nos licantropos ou lobisomens. Para além disso, os lobos também têm o sentido de psicopompos, condutores das almas dos mortos. Na mitologia egípcia, Anúbis é o guia e protetor dos mortos no além. Nesse sentido, podemos observar que a figura do lobo aparece repetidamente como um guardião, mas também como algo selvagem e ameaçador, devorador do tempo. O lobo traz em si o indômito e o selvagem, muito provavelmente por ter representado, e ainda representa até certo nível hoje, um perigo real para diversos aglomerados humanos (BACHMANN, 2021, p.58). Já o guaxinim, embora não seja tão notório quanto o lobo, possui em si um leque único de significados e simbolismos. O guaxinim representa a adaptabilidade e se apresenta simbolicamente como um solucionador de problemas. Sua característica mais reconhecível é a sua máscara, que simboliza a possibilidade de trocar de forma. Povos originários Norte Americanos entendem o guaxinim como um trapaceiro, travesso (Viver Natural, 2017).

Ao tratarmos das cores usadas na *fursona*, o vermelho é considerado o símbolo fundamental do princípio de vida, é a cor do fogo e do sangue. O vermelho escuro presente no design de Mekhy está associado ao noturno, ao feminino, é centrípeto e representa o mistério da vida. “É a cor da Ciência, do Conhecimento esotérico (...) nas lâminas do Tarô, o *Eremita*, a *Papisa*, a *Imperatriz* usam uma toga

vermelha sob uma capa ou manto azul: todos os três , em graus diversos, representam a ciência secreta” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.1030).

Ao ser perguntado qual seria um lugar em que poderia encontrar Mekhy, F respondeu que ele está “sempre sendo visto num laboratório, né, trabalhando com experimentos. Ele tem essa coisa da caverna, tá lá escondido, mas, de vez em quando, ele aparece”. A caverna está conectada ao arquétipo do útero materno e se apresenta nos mitos e histórias em momentos de origem, renascimento e iniciação. Para Platão, a caverna é o mundo de ignorância em que vivem os seres humanos. Também é um símbolo do “inconsciente e de seus perigos, muitas vezes inesperados” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.265). Além do mais, “a caverna simboliza a exploração do eu interior e, mais particularmente, do eu primitivo, recalçado nas profundezas do inconsciente”. Por fim, a caverna também leva consigo o caráter do subterrâneo; “ela abriga os mineiros, os *anões*, os guardiões dos *tesouros ocultos*”.

Sua segunda *fursona* chama-se Pudim, que ele comprou junta a *fursuit* de um amigo em uma convenção. F o descreve como “um dragão com uma tonalidade mais pé no chão (...) uma tonalidade mais de terra, que bate com o nome, o Pudim”. Tem uma cauda bem grande que a *fursuit* arrasta no chão e chifres grandes que descem pelas costas.

A espécie específica do Pudim é criada por Deanna Biesemeyer, conhecida por seu nome de usuário Ino89777, dona da Skypro *Fursuits*, uma empresa que faz *fursuits*. Foi criada uma história e *lore*⁴ complexo para essa espécie que, entretanto, não será explorado para este trabalho, visto que F não tem uma conexão grande com este *lore*. Sobre o simbolismo do anjo, parece haver diferenças nas suas várias interpretações. Todavia, certos papéis lhe são atribuídos com maior frequência, sendo estes os de iluminar a humanidade, os de guardiões e protetores, e os de mensageiros (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.108). Para o *lore* do *Dutch Angel Dragon*, a visão do anjo que é considerada o compreende como um “espírito guardião acompanhante, ou influência orientadora, especialmente benevolente” (DUTCH ANGEL DRAGONS, sem data).

⁴ Informações a respeito de um universo ficcional, envolvendo histórias, lendas, línguas, povos, geografia e outras informações semelhantes.

Figura 3. Fursona Pudim.



Fonte: Imagem fornecida por F.

Quando questionado sobre qual seria um lugar em que poderia encontrar Pudim, F disse que “o Pudim, que é coisa mais mística, ele não tem órgãos, um dragão, então ele eu consigo imaginar ele numa floresta mística, algum lugar que tem bem vibe mapa RPG, algo que é tangível, dá pra acreditar, mas não é um real, é um plano levemente descolado da realidade”.

O dragão remete a um guardião ou a um símbolo do mal e demoníaco. É o guardião dos tesouros ocultos. Como símbolo demoníaco, o dragão se aproxima da serpente. São Jorge é representado lutando contra um dragão, simbolizando a eterna luta entre bem e mal. Porém, o dragão representa mais do que isso, é o “princípio ativo e demiúrgico: poder divino, élan espiritual” (GROUSSET, 1950 *apud* CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). É o símbolo do imperador, tanto na China quanto nos celtas. O dragão vermelho é o emblema do País de Gales. Em sua mitologia, o dragão vermelho luta contra o dragão branco, que representa os saxões invasores. Os dragões são enterrados em Oxford, em um cofre de pedra. Assim, simboliza forças ocultas e contidas.

Tendo em vista o objetivo deste estudo de compreender se a criação e o ritual de vestir *fursuits* em convenções pode contribuir para o processo de individuação de

participantes da comunidade *furry*, foram feitas algumas perguntas sobre como é essa experiência para F. O principal sentimento que ele traz é o da euforia. F traz a ideia de usar a *fursuit* conectada à experiência de estar em conjunto, de estar com seus amigos, pessoas que são importantes para ele. Para além disso, é uma experiência de “performance ao vivo”, trazer um personagem à vida e mostrar um lado seu que muitas pessoas no cotidiano não vêem. Nesse sentido, e considerando um ritual como “um sistema cultural de comunicação simbólica (...) constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios” (TAMBIAH, 1985 *apud* PEIRANO, 2003, p.9) pode-se entender o uso das *fursuits* nas convenções como um ritual que, de certa forma, assemelha-se aos animais de poder dos ritos xamânicos. Ao encarnar, seja para mais, seja para menos, uma *fursona* ao vestir uma *fursuit*, é dada ao indivíduo a possibilidade de, sincronicamente, encarnar as características que são atribuídas a essa *fursona* – características estas que, muitas vezes, são projetadas nela pelo indivíduo em questão. A projeção, pois, sendo em sua maioria de aspectos da Sombra do sujeito, positivos ou negativos, possibilita o contato com a Sombra, ainda que de forma tímida, o que, por sua vez, pode, em parte, contribuir para o processo de individuação.

Ao analisar cada *fursona*, pode-se observar que cada uma parece conter aspectos diferentes da projeção de F. As interpretações e análises a seguir não são precisas, visto que não há suficientes dados e uma pesquisa muito mais complexa seria necessária para tal: ao invés disso, apresentam-se como hipóteses. Pudim, tendo sido adotado, talvez não carregue projeções tão fortes quanto Mekhy. Entretanto, Pudim parece levar em seu simbolismo o arquétipo da criança. Nesse sentido, Pudim pode servir como um receptáculo de todos os aspectos desse arquétipo. Pelas falas de F, pode-se interpretar que Pudim executa uma função de segurar os seus aspectos infantis, a pureza, a inocência. Esses aspectos importantes da psique podem ser afastados do Ego e reprimidos na Sombra conforme vai se passando o tempo e passando para a fase adulta. Nesse sentido, “cada adaptação ao meio nos afasta mais da integridade da criança, demonstrando nossa fragilidade ao obrigarmo-nos a tais adaptações, às exigências do meio” (SANTARELLI, 2009, p. 37). Em sua pesquisa, Santarelli (2009) explicita que uma maior conexão com o arquétipo da criança pode se relacionar com maior maturidade emocional e investimento no autoconhecimento, além de maior liberdade de

expressão. Dessa forma, é possível interpretar que a projeção deste arquétipo em Pudim, permita a F. um acesso à sua criança interior, possibilitando uma exploração de seus aspectos.

Em contraste, Mekhy aparenta receber as projeções de aspectos do Ego e da Sombra. F. projeta em Mekhy aspectos que reconhece como parte de sua personalidade, como o interesse em robótica. Para além, e mais interessante para esta pesquisa, Mekhy parece conter traços da Sombra de F., especialmente ao se tratar do guaxinim. O simbolismo deste animal remete ao arquétipo do trickster, que pode ser entendido como “uma expressão de tendências psíquicas inconscientes comuns a toda humanidade, referentes à mudança na ordem existente das coisas, confusão, brincadeira, dissimulação, caos, desordem, enganação, esperteza, comunicação e movimento” (NOVAES, 2016, p.12 *apud* BLUM, 2021, p.50). A figura do trickster carrega uma ambivalência, é criativo e inventivo, mas não hesita em cometer infrações. Nesse sentido, o trickster não é necessariamente bom ou mau, apenas possui uma inconsciência moral. Mekhy, portanto, pode ser uma manifestação do trickster. F. mesmo traz isso ao falar “eu acho que ele é um fursona que tem muito da característica do guaxinim de ser um pouco caótico e até um pouco traiçoeiro. Não que seja uma pessoa traiçoeira, mas porque eu sou uma pessoa muito não-linear, digamos assim”. Mekhy é apresentado como um personagem com uma certa tendência para o “mal” por F., o que talvez possa representar um lado seu mais ambíguo. Ao ser questionado sobre o que diria para Mekhy, F. responde que “diria que ele é (...) mais fofo e bondoso do que ele pensa”. Essa frase pode representar sua relação com a sua Sombra. Para além disso, F. traz que “O Mekhy, eu diria que é determinação, porque ele representa muito um anseio meu de fazer, tipo, fazer os meus projetos darem certo, construir, construir algo pra mim e me reafirmar dentro dos meus valores, da minha trajetória”.

Pode-se inferir, portanto, a partir dos dados coletados e de sua análise, que as *fursonas* e *fursuits* demonstram imenso potencial no que diz respeito ao contato com diferentes elementos da psique. Tanto em aspectos simbólicos quanto aspectos mais comportamentais, a criação desses personagens e a sua interpretação durante o uso da *fursuit* representam vivências importantes para F., com força capaz de mudar sua atitude cotidiana. Ele está na fase de saída da adolescência e entrada na juventude, resgatando, na sua vivência da comunidade, aspectos infantis, por um lado, permitindo-se fazer coisas, como ele diz, não tão comuns na sociedade adulta,

e,por outro, se projetando para o futuro com a sua formação acadêmica, por exemplo. F. valoriza sua singularidade e, ao mesmo tempo, se diverte em uma rede de relacionamentos com pessoas que têm interesses semelhantes, encontrando no grupo um sentido de pertencimento. Assim, mesclam-se o "ser" de uma maneira pessoal e singular, e o "ser com" na vivência coletiva. Ademais, é significativa a manifestação de polaridades nas *fursonas* e a tentativa de integrá-las em uma totalidade, um processo ainda em andamento: símbolos que remetem à selvageria e agressividade também são fofos; a seriedade do cientificismo se sobrepõe ao lúdico e à malandragem. Aspectos sombrios, no sentido de pertencerem à Sombra, são projetados, e lidar com essas projeções pode favorecer a integração de aspectos inconscientes e o autoconhecimento.

Não se pode afirmar que a vivência *furry* e o uso de *fursuits* levam à individuação de forma direta e linear. No entanto, a integração das polaridades, o despir-se das personas e a retirada das projeções da sombra — no sentido de haver-se com elas, tomar consciência delas e integrá-las — podem contribuir para o processo de autoconhecimento e autoconsciência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado neste estudo, pode-se constatar a importância que a cultura *furry* tem para aqueles que a adotam em sua vida. A presença simbólica dos animais talvez não seja a prioridade para muitos dos membros desta comunidade, como é o caso de F, porém, esta pesquisa leva a acreditar que seria um erro negá-la. Os resultados coletados apontam para uma riqueza simbólica nas *fursonas* e *fursuits*, além de servirem como receptáculo das projeções de seus criadores.

Para além disso, a comunidade *furry* apresenta-se como um espaço seguro para que as pessoas com esse interesse possam sentir-se acolhidas, sentir que de alguma forma pertencem a um grupo. Como coloca F., “Eu acho que quando eu tô vivendo minha rota normal, digamos assim, fazendo, trabalhando, indo pra faculdade, fazendo as minhas coisas, é o meu momento comum (...), eu tô sendo eu, mas eu tenho no fundo da minha cabeça ou, sei lá, num plano diferente, as minhas *fursonas*. E quando eu entro no personagem, tipo, ou eu uso a *fursuit*, ou eu interajo com o pessoal, meio que as duas coisas se tornam uma. Eu consigo (...) me sentir mais livre, mais comunicativo e saber que eu não estou restringido a um conjunto de pessoas e de ambientes (...). No *fandom* (...), a relação é mais amigável, mais informal, eu acho que fica, tipo, bem mais “*approachable*”, assim, né, divertido. E muita gente faz trabalho voluntário (...). O pessoal se junta pra organizar evento também, sem interesse financeiro nenhum, né, mas para, tipo, a vontade de fazer as coisas acontecerem em conjunto. Isso é muito raro de ver fora. Então, talvez isso seja uma das coisas mais valiosas pra mim, né, eu acho que mais do que o pessoal ser unido por interesses em comum, tanto nos animais antropomórficos, ter muita gente no espectro LGBT ou muitas pessoas no espectro autista ou com, enfim, outras características que não são tão comuns na sociedade adulta. Mais do que isso, é a vontade do pessoal de fazer as coisas acontecerem e ser pessoas muito amigáveis e interessantes.”

Esta pesquisa teve como objetivos estudar o fenômeno da comunidade *furry* pela perspectiva da psicologia analítica. Foi possível completar este objetivo, considerando que este estudo pôde investigar o fenômeno pouco estudado que é a comunidade *furry*. Não foi possível fazer tudo o que era pretendido. Originalmente, o plano era de entrevistar mais pessoas da comunidade, podendo, assim, ter

experiências mais diversas sobre a vivência *furry*. Entretanto, devido à dificuldade de encontrar sujeitos e a outras limitações, como o tempo disponível, foi possível entrevistar apenas uma pessoa. Além disso, as análises sobre este fenômeno foram apenas superficiais, visto que este estudo trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso e não pretendia abordar por inteiro a imensa e diversa complexidade que é a comunidade *furry*. Nesse sentido, seria interessante que surgissem outras pesquisas para estudar esse tema por diferentes perspectivas, como, por exemplo, entender porque alguns animais são mais escolhidos, porque a grande maioria dos membros da comunidade também pertencem à comunidade LGBTQI+, fazer uma pesquisa com uma maior população a fim de poder generalizar mais as conclusões, entre muitas outras.

Por fim, pode-se insinuar que a comunidade *furry* se apresenta, de certa forma, como uma contracultura à sociedade antropocena e racional em que vivemos. A adoração aos animais antropomórficos da comunidade, simbolicamente aproxima seus membros da imagem arquetípica animal, ou seja, de seus instintos, da intuição e do inconsciente. Em um mundo em que o racional é venerado, em que os seres humanos estão desconectados da natureza e, por consequência, de si mesmos, a comunidade *furry* pode representar um local de reconexão com aspectos esquecidos e ignorados da experiência humana.

REFERÊNCIAS

- ASSONE, A. Qual é a diferença entre Fábulas, Contos Infantis e Contos de Fadas?. **Blog da Lura**, [online], 23 de outubro de 2023. Disponível em: <https://blog.luraeditorial.com.br/qual-e-a-diferenca-entre-fabulas-contos-infantis-e-contos-de-fadas/>. Acesso em: 26 Mai. 2024
- BACHMANN, H. I. **O animal como símbolo nos sonhos, mitos e contos de fada**. Editora Vozes, Petrópolis, 2021.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, Elzira M. B. *Snowball* (Bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *In: X Congresso Nacional de Educação*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- BARRETO, M. H. A Dimensão Ética da Psicologia Analítica: individuação como “realização moral”. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 91-205, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/MQYbPwDyKZrq76SDj5x4G7M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 Mar. 2024.
- Blum, M. Uma análise dos efeitos da colonização na criação de identidade brasileira e na concretização e naturalização de práticas corruptivas. 2021. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/26325>. Acesso em: 26 de Mai. 2024
- BRASIL FURFEST. O que é Furry? **Brasil FurFest**, [online], [s.d.]. Disponível em: <https://brasilfurfest.com.br/furry/>. Acesso em: 20 Mar. 2024.
- BRASIL FURFEST. Qual será a programação da Brasil FurFest 2024? **Brasil FurFest**, [online], [s.d.]. Disponível em: <https://brasilfurfest.com.br>. Acesso em: 26 Mai. 2024.
- BRASIL FURFEST. O que é a Brasil FurFest? **Brasil FurFest**, online, sem data. Disponível em: <https://brasilfurfest.com.br/institucional/>. Acesso em: 20 Mar. 2024.
- BYINGTON, C. A. B. A Sombra e o Mal. O Paradoxo do Arquétipo Central. Um estudo da ética pela Psicologia Simbólica Junguiana. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 221-230, 2019. Disponível <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v37n1/11.pdf>. Acesso em: 20 Mar. 2024.

FURRY. *In*: Dicionário Cambridge. Cambridge, 2024. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/furry>. Acesso em: 20 Mar. 2024.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. 37 ed. Guarulhos: José Olympio, 2020.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction entering the field of qualitative research. *In*: DENZIN, N. K., YVONNA S. (Org.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994. p. 1-17.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN. M. K., VONNA S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, n.4, p. 213-225, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 fev. 2024.

DUTCH ANGEL DRAGONS. What Is An Angel Dragon?. **Dutch Angel Dragons**, [online], [s.d.]. Disponível em: <https://www.dutchangeldragons.com/what-is-an-angel-dragon>. Aceso em: 25 Mai. 2024

FILMESTIPO.COM. Filmes e Séries sobre Animal antropomórfico. **FilmesTipo.com**, [online], [s.d.]. Disponível em: <https://filmestipo.com/sobre/4714-animal-antropomorfico>. Acesso em: 26 Mai. 2024.

FREUD, S. **Freud (1012-1014) – Obras Completas Volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras: 1913/2012.

GARCIA, J. (Org.). **O panteão egípcio**. v. 1. Cotia: Pandorga, 2022.

JAFFÉ, A. O simbolismo nas artes plásticas. *In*: JUNG, C. G. **O Homem e Seus Símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017. p. 316-319.

JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos**. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. *In*: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (orgs.). **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MINAYO, M.C.S. **Antropologia e Saúde: traçando identidades e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

MOON, S. M. Family therapy and qualitative research. **Journal of Marital and Family Therapy**, Alexandria [Estados Unidos da América], v. 16, n. 4, p. 357-373, 1990.

PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003.

SANTARELLI, M. **A expressão do arquétipo da criança interior na vida adulta: uma leitura junguiana**. 2009. Monografia de Especialização (Especialização em Abordagem Junguiana: Leitura da realidade e metodologia de trabalho) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 37, 82.

SERBENA, C. A. **Considerações sobre o Inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica**. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 76-82, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v16n1/v16n1a10.pdf>. Acesso em: 20 Mar. 2024.

FURSCIENCE. **Species Popularity**. Furscience, [online], 2020. Disponível em: <https://furscience.com/research-findings/fursonas/3-1-species-popularity/>. Acesso em: 16 Out. 2022.

THE FANDOM: **A Furry Documentary**. Direção: Ash Kreis e Eric Risher. Produção: Philip Kreis. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iv0QaTW3kEY>. Acesso em: 16 out. 2022.

VERGUEIRO, P. V. Jung, entrelinhas: reflexões sobre os fundamentos da teoria junguiana com base no estudo do tema individuação em *Cartas*. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 125-143, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v10n1/v10n1a10.pdf> Acesso em: 20 Mar. 2024

VIVER NATURAL. Animal Espiritual Guaxinim. **Viver Natural**, [online], 4 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.vivernatural.com.br/xamanismo/animal-espiritual-guaxinim/>. Acesso em: 26 de Mai. 2024

RAMOS, D. G. *et al.* **Os Animais e a Psique**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2005.

WILKINSON, P. **O Livro da Mitologia**. 1. ed. São Paulo: Globo Livros, 2018

ANEXOS

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CONVITE

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa autorizada pela PUC-SP. A identificação da pesquisa, do pesquisador e de sua orientadora estão descritas abaixo.

Leia atentamente o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** a seguir. Se você estiver de acordo, inteiramente esclarecido(a), e se dispuser voluntariamente a participar, agradeceremos por sua importante colaboração.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA

Título da Pesquisa: O RITUAL DE VESTIR FURSUITS EM CONVENÇÕES FURRY E SUA RELAÇÃO COM A IMAGEM ARQUETÍPICA ANIMAL

Objetivo Geral: Esta pesquisa busca compreender se o ritual de incorporar uma fursona ao vestir uma fursuit e desempenhar este papel em convenções furry pode contribuir para o autoconhecimento e favorecer o processo de individuação desses indivíduos.

Objetivos Específicos: 1. Investigar o significado simbólico presente na criação de uma fursona. 2. Compreender o processo vivenciado pelo indivíduo a partir do uso de uma fursuit nas convenções furry.

Esta pesquisa está relacionada à elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido para o curso de Psicologia da PUC-SP.

Aluno Pesquisador: Gabriel Dantas Rameh

Pesquisadora Responsável e Orientadora da Pesquisa: Flávia Arantes Hime

FORMA DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Estou ciente de que a minha participação nessa pesquisa será por meio de uma entrevista, realizada de maneira presencial ou online, a depender de minha preferência. A entrevista terá duração média de uma hora e meia e será realizada em local reservado para garantir minha privacidade e o sigilo das informações prestadas ao pesquisador.

RISCOS E BENEFÍCIOS

Fui esclarecido(a) que esta pesquisa espera alcançar, com seus resultados, benefícios para os seres humanos, a comunidade e a sociedade. Estou ciente de que é possível que ocorram alguns desconfortos ou riscos para mim, como estar diante de questões que eu não saiba responder, ou acerca das quais eu não tenha conhecimento suficiente ou aprofundado. Estou ciente de que o Pesquisador fará o possível para reduzir esses desconfortos, principalmente mediante a disponibilização prévia de todos os esclarecimentos necessários além de cuidados éticos. Também não serei privado nem limitado em qualquer dos meus direitos, nem intimidado a qualquer tipo de participação com a qual eu não concorde.

SIGILO E PRIVACIDADE

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, que meu nome ou qualquer outro dado que possa, de alguma forma, me identificar, assim como os referentes às pessoas que porventura eu citar, será mantido em sigilo pelo Pesquisador, que se responsabilizará pela guarda dos dados, bem como pela não exposição das fontes dos dados da pesquisa. Os resultados desta pesquisa poderão ser publicados, porém sem a identificação dos participantes.

AUTONOMIA

Estou ciente de que terei toda a assistência necessária durante a pesquisa, bem como me será garantido o livre acesso a todas as informações e/ou esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e tudo mais que eu queira saber, antes, durante e depois da minha participação. Também fui informado(a) de que posso me recusar a participar da pesquisa, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar me justificar, e que, se eu me retirar da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

RESSARCIMENTO

Estou ciente de que a pesquisa não envolve nenhuma ajuda de custo às/aos participantes.

CONTATO

Estou ciente de que a Pesquisadora Responsável por este projeto é a Prof.^a Dr.^a Flávia Arantes Hime, e com ela poderei manter contato a qualquer momento pelo telefone (11) 3670-8320, ou pelo e-mail fahime@pucsp.br. Estou ciente de que o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP é composto por profissionais qualificados daquela universidade, que trabalham para garantir que meus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados, avaliando se a pesquisa foi planejada e está sendo executada de forma ética. Se eu achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como imaginei, ou estiver sendo prejudicado(a) de alguma forma, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, à Rua Ministro Godói, 969, Térreo, Sala 63C, Perdizes, São Paulo/SP, CEP 05015-001, Tel. (11) 3670-8466, e-mail cometica@pucsp.br. caso haja algum tipo de desconforto para o participante, este poderá, inicialmente, ser acolhido pela equipe de pesquisadores. Caso deseje, poderá ser atendido pela Clínica Escola Ana Maria Poppovic.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que tive a oportunidade de discutir e esclarecer todas as informações deste termo com o Pesquisador. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito(a) com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada pelo Pesquisador

Dessa forma, manifesto meu **consentimento livre e esclarecido** em participar voluntariamente da pesquisa O RITUAL DE VESTIR FURSUIITS EM CONVENÇÕES FURRY E SUA RELAÇÃO COM A IMAGEM ARQUETÍPICA ANIMAL, conduzida pela equipe composta por Gabriel Dantas Rameh e Prof.^a Dr.^a Flavia Arantes Hime, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor financeiro a receber ou a pagar por minha participação.

ANEXO B - Perguntas Disparadoras da Entrevista

Idade.

Sexo, gênero.

Escolaridade

Profissão

Desde quando se considera ser furry?

O que te atraiu na cultura furry?

O que é ser furry para você?

Quando criou a fursona? Porque decidiu criar uma fursona?

Qual o animal da fursona? Ela tem um nome? Por quê?

Por que escolheu esse animal? O que esse animal significa para você?

Quando decidiu fazer/comprar a fursuit? Porque decidiu fazer/comprar a fursuit?
Descreva para mim sua fursona e seu fursuit.

Quando usou a fursuit pela primeira vez? Como se sentiu quando usou a fursuit?

Qual foi a primeira convenção da comunidade furry onde usou a fursuit?

O que é usar a fursuit para você? O que significa? Como se sente?

Se a gente fosse imaginar um lugar onde esse animal (sua fursona) estaria, onde seria? (explorar)

O que a fursona traz para a sua vida? Se sua fursona te transmitisse algo, o que seria? (por ex, uma palavra, ou frase, gesto, objeto)

O que tem de você na fursona?

Nas convenções, como você se relaciona com as outras fursonas? Quais te atraem, e quais você evita? Como é essa relação? (concretamente e emocionalmente) Que sentimentos a(s) outra(s) fursonas mobilizam em você?

Em uma próxima convenção, você usaria a mesma fursuit, ou usaria outra?

Como você se sente a cada momento deste “tornar-se” sua fursona? De que parte (aspecto) dela você mais gosta? Que parte é mais significativa para você?

O que você diria para ela? O que ela te diria?

No momento de tirar a fursuit: como é deixar de ser a fursona e voltar a ser você mesmo?

O que fica da fursona em você?

Como e onde você guarda sua fursuit? É necessário algum tipo de cuidado com ela, até a próxima convenção?

Você já usou sua fursuit em outras situações, que não convenções? Como foi, como se sentiu? Qual a diferença de usar sua fursuit numa convenção e fora dela?

Você tem algo mais a me dizer?